

ESQUEMAS DE IMAGEM E INTEGRAÇÃO CONCEPTUAL COMO FATORES DE GRAMATICALIZAÇÃO EM SINTAXE

Antônio Suárez Abreu*

Resumo: Como as línguas humanas são sistemas dinâmicos, estão sempre surgindo novas construções na língua falada, com grande chance de migrar também para a língua escrita. Tais construções quase nunca aparecem nas gramáticas tradicionais dessas línguas, justamente por estarem numa espécie de limbo entre essas duas modalidades. Tal é o caso de construções portuguesas como *dar para*, *só que*, *vai que* e *é que*, que estudamos aqui, postulando-as como efeito de gramaticalização, utilizando alguns princípios teóricos da linguística cognitiva e da teoria da complexidade.

Palavras-chaves: Gramaticalização. Blending. Chunking. Complexidade. Atratores.

Abstract: Since human languages are dynamic systems, new constructions are always emerging in the spoken language. Such constructions have great chances to migrate to the written language, and almost never appear in the traditional grammars, precisely because they are in a kind of limbo between these two modalities. This is the case of Portuguese constructions, such as *dar para*, *só que*, *vai que* and *é que*, that we studied here, postulating them as the effect of grammaticalization, through the use of some theoretical principles of the cognitive linguistics and the theory of complexity.

Key words: Grammaticalization. Blending. Chunking. Complexity. Attractors.

Introdução

Este trabalho parte do princípio de que a linguagem humana é um sistema adaptativo complexo, de acordo com Ellis & Larsen-Freeman (2009) e Bybee (2010). Obedecendo a esse princípio e utilizando como ferramentas a teoria da integração

* Professor Doutor da Faculdade de Ciências e Letras, Linguística, da Universidade Estadual Paulista *Júlio de Mesquita Filho* (UNESP), Campus de Araraquara, São Paulo, Brasil, tom@fclar.unesp.br

conceptual ou *blending* proposta por Fauconnier & Turner (2002) e a teoria dos esquemas de imagens, proposta por Lakoff (1990) e Lakoff & Johnson (1999), e desenvolvida por Peña (2008), propomo-nos a realizar a descrição de alguns recursos sintáticos surgidos na fala do português do Brasil, alguns deles já presentes também na escrita. Trata-se de sequências como *dar para*, em *Deu para trazer o meu carro?*, *só que*, em *Só que ele vai chegar com atraso*, *vai que*, em *Vai que ela resolve voltar e é que*, em *É que a gente vai viajar amanhã*.

Complexidade e adaptação

Um sistema complexo é um sistema que não depende de agentes externos para existir, uma vez que se compõe de uma rede de agentes internos que interagem uns com os outros e também com o meio ambiente. A bolsa de valores, as condições meteorológicas, o corpo humano são exemplos de sistemas complexos. Sistemas complexos são também adaptativos. Nossas mãos, por exemplo, foram feitas para segurar objetos, mas podemos adaptá-las para tocar piano. Essas mudanças por adaptação surgem pela ação de atratores, termo cunhado por Edward Lorenz, na década de 60 do século passado para referir-se às motivações em direção às quais um sistema complexo evolui. Podemos dizer, por exemplo, que o atrator que nos leva a adaptar as mãos para o piano é o desejo de produzir música. Segundo Bybee (2010, p. 32):

Uma vantagem da abordagem dos sistemas adaptativos complexos é que os processos cognitivos propostos para uso no processamento da linguagem são os mesmos processos que conduzem à mudança. Consequentemente, as explicações sobre as dimensões sincrônica e diacrônica ficam unidas.¹

¹ No original: “One advantage of the complex adaptive systems approach is that the cognitive processes proposed for use in processing language are the same processes that lead to change. Thus explanation on the synchronic and diachronic dimensions is united.”

De modo aproximado, podemos dizer que os principais atratores da linguagem humana são: sentido, economia, tipologia, iconicidade, fatores culturais e sociais.

É por causa do atrator economia, por exemplo, que dizemos *foto* e *moto*, em vez de *fotografia* e *motocicleta* e *Supremo*, por *Supremo Tribunal Federal*. É por causa do atrator tipologia que pronunciamos a palavra *pneu* como *peneu* e *stress*, como *estresse*.

Integração conceptual ou blending

Integração conceptual ou *blending* (mesclagem) é uma atividade cognitiva que nos leva, por exemplo, ao ver a foto 3x4 de alguém que conhecemos, integrar seu rosto à pessoa inteira. Ninguém, vendo uma foto 3x4 da Maria, dirá que é a cabeça da Maria, mas a própria Maria. É a integração conceptual feita por metonímia. Quando ouvimos os sons de uma palavra e atribuímos a ela um sentido, estamos fazendo integração conceptual entre som e sentido. Quando alguém nos diz que determinada pessoa é uma porta, está integrando, metaforicamente, a ausência da capacidade de entendimento da porta – um ser inanimado e, portanto, incapaz de ouvir e de entender qualquer coisa – à pessoa em questão. Segundo Fauconnier e Turner (2002, p. 390-391):

Blending não é alguma coisa que fazemos em acréscimo a viver no mundo; e a nossa maneira de viver no mundo. Viver no universo humano é ‘viver dentro do blend’, ou melhor, viver em muitos blends coordenados. Até mesmo lembrando o mundo e nossa atividade dentro dele parece depende da existência do tipo de blends que desenvolvemos a partir dos três anos de idade. Nós conservamos apenas lembranças desorganizadas e fragmentadas da época antes dessa etapa.

A história não é diferente em relação a aprender números, escrever, história, modelos sociais, e qualquer outra integração, exceto que depois dos três anos de idade nós conseguimos lembrar o esforço pelo qual nós passamos para adquirir o blend. Nós sabemos quando nos vemos escrevendo que nós estamos vivendo diretamente dentro do blend e não podemos escapar dele, mas muitos de nós

podemos também nos lembrar da época quando a escrita eram apenas marcas em uma página. [...] Tocar piano, entender sacramentos, interpretar ações sociais adultas, e utilizar números complexos tudo mostra esse modelo. É o modelo universal do aprendizado cultural humano.²

Esquemas de imagem

Os esquemas de imagem estão ligados ao nosso corpo, à maneira como somos, como nos equilibramos em posição ortostática, como caminhamos, entramos em algum local. Os principais esquemas de imagem são, pois: *equilíbrio*, *percurso* (que inclui *origem*, *trajeto* e *destino*) e *container* (que inclui dentro, fora e fronteiras)³. É utilizando esses esquemas, integrando-os conceptualmente em termos metafóricos que dizemos coisas como:

- (1) *Nesse trabalho, há um desequilíbrio entre a primeira parte e a segunda.*
- (2) *Nossa relação chegou ao fim do caminho.*
- (3) *Não consigo fazer isso entrar na minha cabeça.*

² No original: “Blending is not something we do in addition to living in the world; it is our means of living in the world. Living in the human world is ‘living in the blend’, or rather, living in many coordinated blends. Even remembering the world and our activity in it seems to depend upon the existence of the kind of blends three- year-old as have developed. We retain only fragmentary and an unorganized conscious memories from before that stage. The story is no different for the learning of numbers, writing, history, social patterns, of any other integration, except that after about three years of age we can remember the work we went through to acquire the blend. We know when we look at writing that we are living directly in the blend and cannot escape it, but most of us can also remember the time when writing was only marks on a page. [...] Playing the piano, understanding sacraments, interpreting adult social action, and using complex numbers all show this pattern. It is the pattern of human cultural learning worldwide.” Obs.: esta tradução, bem como todas as outras deste trabalho, são de nossa autoria.

³ Por convenção, os nomes dos esquemas de imagem são grafados em maiúsculas.

No uso de verbos ditransitivos, como *dar*, é possível visualizar um percurso que tem sua *origem* nas mãos de quem dá, um *trajeto* em direção a outra pessoa e um *destino* nas mãos dela.

Dar para

Dar é um dos verbos mais polissêmicos da língua portuguesa. Seu significado original é o de entregar alguma coisa a alguém, sem pedir contrapartida, como em:

(4) *João deu um presente a / para Maria.*

Temos, aqui, do ponto de vista dos esquemas de imagem, o esquema completo de *percurso (origem – trajeto – meta)*. A *origem* é João, o *trajeto* é aquele feito pelo presente até Maria, e a *meta* é Maria. João é um agente e tem o atributo humano. Uma primeira adaptação desse verbo é transformar o objeto que faz o trajeto entre um ponto e o outro, em um termo abstrato, como em:

(5) *Dei uma aula / palestra / concerto ontem.*

Nesse tipo de construção, o agente é humano, o objeto é abstrato e a *meta* não é verbalizada, por ser implícita. Subentende-se que a *meta* de uma aula é uma classe e de uma palestra ou concerto é um auditório, todas elas caracterizadas por terem o atributo humano.

Na construção *Me dá um tempo!*, a *meta* é personalizada pela pessoa do falante, materializada pelo pronome *me*.

Temos, depois, construções em que a preposição que introduz a meta não é *a* ou *para*, mas *em*:

(6) *Ele deu um beijo na namorada. (beijou)*

(7) *Ele deu um soco no irmão. (socou)*

(8) *Ele deu um susto no amigo. (assustou)*

Nesses casos, a *meta* é vista como um container, mantendo o atributo humano. O agente também tem o atributo humano.

Surgem também construções em que o agente não possui o atributo humano, como em:

(9) *As vacas dão leite.*

(10) *Essa árvore dá frutos / sombra.*

(11) *O relógio deu dez horas.*

Nessas construções, a meta é omitida, mas tem, implicitamente, o atributo humano. A última delas tem uma variante: *Deram dez horas*, com omissão do agente, construção concorrente de *Bateram dez horas*, *Soaram dez horas*. Em todas elas, fica sempre subentendido um agente inanimado, que é um relógio que transmite sempre uma hora exata por meio sonoro. Prova disso é que ficaria estranha uma frase como: *Deram dez horas e catorze minutos*. De fato, em tempos mais antigos, era comum saber as horas inteiras pelo bater de um sino de igreja ou por uma imitação do bater de um sino provinda de um relógio dentro de casa.

Construções semelhantes podem ser vistas nos exemplos:

(12) *O rádio deu que vai chover amanhã.*

(13) *Deu no rádio que vai chover amanhã.*

Na primeira, o agente é rádio, por hipálage, e, na segunda, indeterminado. A *meta* tem o atributo humano. O objeto é agora um evento: chover amanhã.

Nos casos examinados até agora, reputamos que há um emprego polissêmico do verbo *dar*. Vejamos, agora, um caso de gramaticalização protagonizado pela sequência *dar para*⁴, a partir dos dois exemplos a seguir, extremamente comuns em português, na linguagem falada:

(14) *Deu para terminar o contrato a tempo.*

(15) *Dá para esperar um pouco?*

Nesses dois casos, temos o uso da sequência *dar para* com o significado de possibilidade, como podemos ver nas paráfrases:

(16) *Foi possível terminar o contrato a tempo. / Pude terminar o contrato a tempo.*

(17) *É possível você esperar um pouco? / Pode esperar um pouco?*

Nessa construção, o verbo *dar* tem desabilitado seu significado principal, o de entregar algo a alguém, sem contrapartida. Sobra, apenas, a *casca* do esquema de imagem *origem, trajeto e meta*, projetado no tempo.⁵ Temos, aqui, um caso de

⁴ Esse caso é o único que não aparece no extenso verbete sobre o verbo *dar* no Dicionário Houaiss (2001).

⁵ É bastante comum, em todas as línguas do mundo, a desabilitação do sentido principal de um verbo, restando, apenas, um resíduo gramatical de tempo, aspecto etc. É o que vemos, por exemplo, nas construções *Meu computador anda dando problemas* e *Meu computador vive dando problemas*. Os sentidos principais de locomoção a pé e de atividade vital, respectivamente, são desabilitados, restando

desintegração conceptual, de acordo com Bache (2005), que explicita o fato já presente em Fauconnier & Turner (2002) de que, em situações de blending, como na metáfora, por exemplo, alguns atributos do domínio de origem são *desintegrados*. De fato, em uma frase como: *Cristiano Ronaldo foi um leão na vitória de Portugal*, atributos como *força e coragem* são integrados ao jogador português, mas outros, como *juba, garras, rabo* ficam *desintegrados*. Preferimos usar o termo *desabilitados*.

Pondo foco na frase — *Deu para terminar o contrato a tempo* —, pode-se imaginar um momento de *origem* da feitura do contrato e o momento do *percurso* finalizado como meta. Na frase — *Dá para esperar um pouco?* —, ocorre o mesmo, sendo a *meta* o momento em que o interlocutor hipoteticamente concordará em esperar. Em ambos os casos, é mantida a existência de um agente humano e a preposição *para* indica apenas a consecução da meta. A sequência *dar para*, por contiguidade e repetição, sofre o efeito de chunking (cf. BYBEE, 2010) e fica, portanto, gramaticalizada. O sentido de *ser possível* surge por inferência pragmática. Em *Deu para terminar o contrato*, portanto, se formos pensar na análise sintática tradicional, teremos *deu para* como oração principal e *terminar o contrato* como uma oração subordinada subjetiva.

Há ainda outro tipo de construção com essa gramaticalização do verbo *dar* em orações coordenadas como:

(18) *Meu time tentou ganhar o campeonato, mas não deu.*

(19) *Tentei chegar a tempo, mas não deu.*

Nesse caso, o que temos é simplesmente a omissão daquilo que já foi dito na primeira oração. Se mantivéssemos as duas orações completas, teríamos as sequências:

apenas o atributo de aspecto durativo; breve em *andar* e longo, em *viver*. Esses verbos acabam, pois, gramaticalizados nesse tipo de construção.

(20) *Meu time tentou ganhar o campeonato, mas não deu para ganhar o campeonato.*

(21) *Tentei chegar a tempo, mas não deu para chegar a tempo.*

O surgimento da preposição *para*, nessas reposições, é indicador de que se trata do mesmo processo de gramaticalização.

Só que

Outra expressão comumente utilizada na língua oral é *só que*, como uma espécie de locução conjuntiva adversativa que aparece em frases como:

(22) *Felipe Massa pontuou na última corrida em Monza. **Só que** sua situação continua precária na Ferrari.*

Só que equivale a *mas*: ***Mas*** sua situação continua precária na Ferrari. Essa expressão tem aparecido já algum tempo na língua escrita, como podemos observar em:

A obra [desenhos que retratam a Divina Comédia de Dante] foi encomendada a Dalí em 1951 pelo governo italiano para comemorar os 700 anos de nascimento de Dante em 1965. **Só que**, em 1954, quando a notícia vazou, a comunidade cultural italiana não aprovou. (*O Estado de S. Paulo*, 8.09.2013)

Meteu a mão no bolso traseiro, tirou o porta-cédulas e entregou com um ‘aqui está, tudo seu’. *Só que*, como se fosse para essa história poder ser escrita, o deputado, digo, o gatuno apontou para uma pasta de plástico azul com elásticos que Jacy carregava. (*Correio Popular*, 16.09.2013)

Em sua origem, é possível postular um verbo de ocorrência entre o *só* e o *que*, algo como:

(23) *Felipe Massa pontuou na última corrida em Monza. Só ocorre / acontece que sua situação continua precária na Ferrari.*

Só funciona aí como um advérbio, equivalente a *somente*. Parafraseando, poderíamos ter algo como: Ocorre somente / apenas que sua situação continua precária na Ferrari.

Por adjacência e repetição, o sentido do verbo de opinião acaba incorporado a *só que* (*só ocorre que* = *só que*), por integração conceptual, da mesma forma que o sentido de *telefone* se incorpora a *celular*: *telefone celular* = *celular*. Por economia, o verbo de ocorrência é finalmente omitido e o conjunto resultante *só que* fica gramaticalizado e, por inferência pragmática, adquire o sentido adversativo.

Vai que

Em todas as línguas do mundo, o tempo futuro é um dos que mais sofrem mudanças, pois envolve aquilo que ainda não aconteceu, que é incerto. Por esse motivo sua materialização gramatical é produto, invariavelmente, de processos de gramaticalização. Como diz Bybee (2010, p. 199):

A similaridade entre futuros nas línguas pode ser sumarizada no seguinte conjunto de caminhos de gramaticalização proposto na base de mudanças documentadas também em modelos sincrônicos de polissemia em várias línguas:

Caminhos comuns de mudança resultando em futuros marcadores

- Movimento em direção a uma meta
- Desejo, volição > intenção > predição > modalidade epistêmica ou subordinada
- Obrigação⁶

No caso do inglês, por exemplo, o futuro é expresso tanto pelo auxiliar *will* (que originalmente significava desejo) quanto pela expressão *going to*: *I will write a book*, ou *I am going to write a book*. No português, em termos diacrônicos, o futuro originou-se do verbo *haver*, no sentido de intenção, posposto ao infinitivo: *Amar hei > amarei*. Tendo desaparecido esse sentido original de intenção ou predição, os falantes do português construíram um outro futuro, desta vez usando o verbo *ir* (movimento em direção a uma meta): *Eu vou amar*; *Eu vou escrever um livro*. Nesse caso, houve gramaticalização do verbo *ir*, que deixa de significar locomoção para significar apenas subsequência. A expressão *vai que* representa uma variante desse processo de gramaticalização, uma vez que *vai* tem aqui também o significado de subsequência. A novidade é seu caráter impessoal aliado à modalidade epistêmica introduzida por uma oração subordinada subjetiva. Quando alguém diz algo como: *Vou encher o tanque hoje*. ***Vai que*** *aumenta o preço da gasolina na segunda feira.*; o aumento do preço da gasolina é uma possibilidade subsequente ao ato de fala, o que justifica a sua compra antecipada. Do ponto de vista pragmático, o conjunto formado pela expressão *vai que* mais a oração subordinada funciona como uma espécie de oração coordenada explicativa, em relação à oração anterior.

⁶ No original: “The similarity among futures across languages can be summarized in the following set of grammaticalization paths proposed on the basis of documented changes as well a cross-linguistic synchronic patterns of polysemy:

- (1) Common paths of change resulting in futures markers
 Movement towards a goal
 Desire, volition > intention > prediction > epistemic or subordinating modality
 Obligation”

É que

Nesta parte, pretendemos descrever o emprego de *é que* em sequências como:

(24) - *Por que você vai viajar só na semana que vem?*

- *É que não tinha passagem esta semana.*

(25) *Tive que consertar dois pneus este mês. É que todos eles estão carecas.*

De acordo com Abreu (2012, p. 127), a expressão *é que* é utilizada em português, principalmente, como um recurso de focalização chamado clivagem, em frases como em:

(26) *Em Mato Grosso é que se podiam pescar peixes grandes.*

(27) *Minha irmã é que comprou esse smartphone.*

Essa expressão pode, também, enquadrar o termo clivado, como em:

(28) *É em Mato Grosso que se podiam pescar peixes grandes.*

(29) *É minha irmã que comprou esse smartphone.*

O verbo *ser* pode acompanhar também o tempo do verbo da oração;

(30) ***Era*** em Mato Grosso *que se podiam* pescar peixes grandes.

(31) ***Foi*** minha irmã *que comprou* esse smartphone.

Quando o termo clivado vier depois do verbo que veicula o tempo da oração, o que ocorre quase que exclusivamente na língua falada, é usado apenas o verbo *ser* que, obrigatoriamente, repete esse tempo:

(32) *Minha irmã começou a fazer compras foi na 25 de Março.*

(33) *Minha irmã começou a fazer foi compras na 25 de Março.*

(34) *Minha irmã começou foi a fazer compras na 25 de Março.*

Orações inteiras podem sofrer também esse processo de clivagem, dentro das mesmas regras. Exemplos:

(35) *Foi quando chegou de Paris no ano passado que Maria se casou.*

(36) *Quando chegou de Paris no ano passado foi (é) que Maria se casou.*

(37) *Maria se casou foi quando chegou de Paris, no ano passado.*

Em todas essas frases, a oração temporal se acha focalizada pelo processo de clivagem.

Os pronomes interrogativos são também frequentemente clivados por esse processo:

(38) *Que é **que** você vai fazer hoje à noite?*

(39) *Quando é **que** você vai viajar?*

(40) *Quanto **foi que** você pagou pelo ingresso?*

(41) *Como **foi que** você achou o caminho?*

(42) *Onde **foi que** você deixou as chaves?*

Além de participar desses processos de clivagem, o verbo *ser* costuma aparecer ainda, com função anafórica de repetir o tempo do verbo de uma oração anterior, em resposta a perguntas como em:

(43) - *Você comprou esses quadros?*

- **Foi.** (= *comprei*)

É clássico esse emprego anafórico para retomar a oração anterior, desta vez com oração principal, como em:

(44) *Se você quis sair mais cedo, foi porque precisava comprar os ingressos.*

O uso de *foi* evita a repetição dessa oração, que poderia, é claro, se fazer presente em uma versão como:

(45) *Se você quis sair mais cedo, **quis sair mais cedo** porque precisava comprar os ingressos.*

Esse emprego é bastante antigo no português. Um exemplo clássico encontra-se em *Os Lusíadas de Camões*, no canto III, estrofe 119:

Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas triste se mitiga,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.

Retornemos, contudo, ao tema desta parte que são as construções com *é que* em situações como:

(46) - *Por que você vai viajar só na semana que vem?*

- ***É que*** não tinha passagem esta semana.

(47) *Tive que consertar dois pneus este mês. É que todos eles estão carecas.*

Temos aí, a nosso ver, o verbo *ser* cuja função, como no último caso estudado acima, era, originariamente, retomar anaforicamente a oração anterior. Ocorre, contudo que, nesse caso, a sequência *é que* já foi gramaticalizada como uma locução conjuntiva causal, numa alternativa ao uso da conjunção causal *porque*, como podemos ver em:

(48) - *Por que você vai viajar só na semana que vem?*

- *Porque / é que* não tinha passagem esta semana.

O sentido anafórico do verbo *ser*, nesse caso, foi desabilitado e *é que*, por contiguidade e repetição (chunking), passa a ser usado apenas como locução conjuntiva de causa.

É preciso acrescentar que o uso dessa locução se restringe a situações em que ela inicia um novo período, uma vez que não podemos dizer:

(49) *Tive de consertar dois pneus este mês é que todos eles estão carecas.*

Conclusão

Procuramos descrever, neste trabalho, algumas expressões gramaticalizadas devido à contiguidade e repetição — envolvendo também o fenômeno da integração

conceptual — que vem sendo usadas sobretudo na língua falada, mas que também têm aparecido às vezes na língua escrita de caráter mais informal. O motivo por que surgem tais expressões acreditamos que esteja vinculado à própria natureza da linguagem humana como um sistema adaptativo complexo, em que a necessidade de renovar de modo econômico recursos linguísticos de uso frequente acaba funcionando como um importante atrator.

Referências

- ABREU, A. S. *Gramática Mínima para Domínio da Língua Padrão*. 3. ed. São Paulo: Ateliê, 2012.
- BACHE, C. Constraining conceptual integration theory: Levels of blending and disintegration. *Journal of Pragmatics*, 37, [SL], p. 1615-1635, 2005.
- BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CAMÕES, L. V. *Os Lusíadas*, comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias. 3. ed. Fac-similada da 2. ed. Rio: MEC, 1972.
- ELLIS, N. C.; LARSERN-FREEMAN, D. (Eds.). *Language as a Complex Adaptive system*. Michigan: Language Learning Research Club, 2009.
- ESTADO DE S. PAULO, O. São Paulo, 2013. Diário.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio: Objetiva, 2001.
- LAKOFF, G. *Woman, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1990.

_____. ; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western Thought*. New York: Basic Books, 1999.

PEÑA, M. S. Dependency systems for image-schematic patterns in a usage-based approach to language. *Journal of Pragmatics*, 40, p. 1041-1066, 2008.